

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



6

Entrevista com

VINÍCIUS ANDRADE PEREIRA

Entrevista: Luciana Haussen¹

Degração: Marcia Christofoli²



Vinicius Andrade Pereira é professor adjunto da UERJ e da ESPM, e pesquisa tecnologias da comunicação, cibercultura, arte midiática, linguagens publicitárias em mídias digitais e as materialidades dos meios. Vinicius tem especial interesse na Escola de Toronto de Comunicação, onde obteve formação complementar

Sessões do Imaginário: O Imaginário atua sobre as práticas sociais, bem como sobre os meios e as mensagens que, por sua vez, o nutrem, num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

Vinicius Pereira: De certa maneira, acho que a gente pode pensar uma história de como as tecnologias começam a servir o imaginário. Eu gosto muito da expressão que o Juremir Machado da Silva propõe, quando ele pensa a televisão como uma tecnologia do imaginário. Quando ele diz: “Olha, hoje você pode pensar um meio como a televisão como um meio no qual o imaginário não só é gerado”. Ou seja, quando você faz uma novela, e aparece uma personagem que, de repente, vai lançar uma certa estética, um certo tipo de roupa, etc., o que é comum, de uma maneira, você está mexendo no imaginário, ou seja, não só gera, como transmite. Quando vem a Britney Spears, quando vem a Madonna, já existe um imaginário em torno dessas personagens. A tecnologia, no caso a televisão, propaga isso. Então eu gosto muito dessa expressão, acho que o Juremir foi muito feliz quando propôs esta ideia. É uma tecnologia à qual a gente se referia apenas como uma tecnologia para a comunicação, e ela se torna uma tecnologia do imaginário.

Agora, se você tentar fazer uma espécie de história do uso das tecnologias, em função do

de doutorado (2001), dentro do McLuhan Program in Culture and Technology. Assim, o pesquisador foi convidado a palestrar no Seminário Internacional da Comunicação, que teve como temática a obra de Marshall McLuhan, e a conceder entrevista que publicamos neste número da Sessões do Imaginário.

imaginário, você vai perceber que, no começo, a gente não tinha propriamente mídias servindo a este imaginário, desde que você tome a mídia no sentido mais comum, mídia como os primeiros suportes materiais para o registro de informações. Claro que se você considerar roupas, vestimentas e as próprias palavras como meios, então essa relação é realmente inseparável. Mas se você puder fazer este exercício, e considerar que, a partir de um determinado momento você começa a ter uma aparição das mídias dentro das sociedades humanas, funcionando tanto para transmitir mensagens, informações, como para estocar e, conseqüentemente, prover este grupo de um conjunto de mensagens, dentre as quais o imaginário, você pode dizer que, se é possível fazer este exercício histórico, o imaginário é anterior. Ou seja, quando começa o imaginário? Quando começa a condição humana. Nesse sentido, acho que a gente tem, por exemplo, as sociedades orais, aquelas sociedades que viviam fechadas, que viviam com o seu grupo, produzindo ali os seus cânticos, ritos, mitos, ou seja, o texto coletivo era o texto que era processado através de todas estas ações coletivas, a dança, o rito, a vestimenta, a pintura. Isto tudo tem uma conotação de produção de memória e fixação de um conjunto de informações, de fixação de um conjunto de conhecimentos, para que isso

possa ser passado para gerações futuras. Então a gente diz que, neste ponto, de alguma maneira, você tem um imaginário já em processo. Claro que, esse imaginário, quando você está falando de uma sociedade tradicional, é um imaginário mais fechado, não se trata dessa experiência que depois você vai ter, especialmente depois do aparecimento da individualidade, especialmente no Ocidente. Você então cria uma dinâmica bem mais complexa para pensar o imaginário, mas, de certa maneira, poderíamos dizer que o imaginário antecede as experiências midiáticas. Por outro lado, eu acho que isso não tem muito mais relevância quando você pensa, hoje, as dinâmicas de tecnologias do imaginário, porque nos interessa, efetivamente, é pensar como este conjunto midiático que está aí participa da produção, da reprodução, do fortalecimento, do cerceamento de conjuntos imaginários. É neste sentido que até, mais uma vez, eu cito esta expressão do Juremir, tecnologias do imaginário. Eu diria, então, que não há, propriamente, uma prevalência, se pensarmos esta história numa perspectiva mais recente, porque em última instância a tecnologia precisa desse conteúdo, que é o imaginário, que é aquilo que é produzido e reproduzido. E, por outro lado, na medida em que os grupos sociais recebem este material como parte do seu alimento cotidiano, aquilo também está afetando os imaginários individuais e coletivos, que é outra divisão que a gente não pode fazer rigidamente. O quê é um imaginário individual, o quê é um imaginário coletivo? Quer dizer, se você pega, por exemplo, um autor como Gilbert Durand, talvez o nome mais importante quando se pensa a questão do imaginário, ele fala do imaginário como uma espécie de bacia semântica, quer dizer, uma espécie de reservatório onde a gente vai para se banhar, se constituir, e é claro, se reconstituir,

e também afetar. Nesse sentido, também, é importante guardar isso. A gente não pode fazer uma distinção rigorosa do que seria o imaginário individual e coletivo. Então, bem objetivamente, eu acho que é um jogo, é uma dinâmica, que só faz sentido se pensado numa atuação conjunta, tecnologias e imaginário.

As tecnologias estão aí como meios para ampliar, possibilitar, enfim, estender as nossas expressões. Neste sentido, é um veículo, e não é neutro, porque tem características. Se você está falando de um blog, se você está falando através de uma TV Globo, ou através de uma rádio comunitária, você tem valores, e estes valores, muitas vezes pontuados pelo imaginário, são distintos. Então eles têm as suas gramáticas, e as suas gramáticas são avaliadas de formas distintas. Mas, em última instância, é uma relação que você não tem como passar a faca, o que é um e o que é o outro. Então não faz muito sentido pensar a ideia de uma prevalência.

SI: Como pensar a imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experienciar o mundo?

VP: Eu acho que pensar o estatuto da imagem, seja hoje ou em qualquer época, implica, efetivamente, pensar os meios que a humanidade possuía, e possui, para gerar e reproduzir imagens. Quando se tratava apenas de uma experiência manufaturada, manuexercida, implicava um contexto de produção e reprodução de imagens muito restrito. Você poderia voltar lá atrás, nas imagens rupestres, nas cavernas. Quem, efetivamente, via aquilo? Qual o poder que aquilo tinha de afetar, a não ser o próprio grupo? Quando você pensa em reproduções iconográficas, como a pintura, tudo tem um

poder de afetação muito restrito ao grupo, pela condição material. As obras não estão circulando pelo mundo, elas estão restritas, muitas vezes são obras que fazem parte de um conjunto de estátuas, de esculturas, que sequer se desloca no espaço. Você está vendo aquilo dentro do teu grupo, ou dentro da tua cultura. Então o poder de afetação é um poder que será exercido diante da pessoa que admira, que olha, que observa aquela imagem, mas não tem o poder que você vai ter depois com as mídias massivas, onde esta imagem pode circular o globo inteiro em fração de segundos. Do mesmo modo, estas tecnologias não fazem só circular imagens, mas estas tecnologias são capazes de produzir imagens de maneiras diferenciadas. Por exemplo, quando a televisão começa a fazer seus primeiros exercícios, a imagem era muito tosca, era uma imagem que não se parecia propriamente com a fotografia, não se parecia propriamente com o cinema, não se parecia, muito menos, com os quadros, com as representações iconográficas que nós estávamos acostumados. Ou seja, ela gerou também um material imagético novo, e com isso, também, todos os imaginários que advêm daí: a imagem de televisão, televisão para a celebridade, celebridades famosas, que ganham grana, são reconhecidas. Ou seja, as experiências destas imagens, como estávamos dizendo, já são portadoras de imaginários.

Então, primeiramente, cada tecnologia, em cada época, serve ao conjunto imagético de maneiras variadas, produzindo novas expressões (uma técnica de filmar, uma técnica de representar em 3D, por exemplo). Constituem-se modelos de imagens novos, que, por sua vez, constituem códigos imagéticos novos e, ao mesmo tempo, gera-se um novo circuito de circulação destas imagens. Na história do cinema você vê isso muito claramente. Nas primeiras experiências

dos irmãos Lumière, por exemplo, e outros, você pega o quadro filmado, e ele é praticamente um teatro que está sendo filmado. A câmera abre num tripé e fica ali aberta, enquadrada. Não tem movimento nenhum de câmera, não tem zoom, não tem nada, fica aquela coisa fechada. Aquilo ali é um tipo de representação, serve de uma determinada maneira. À medida que o cinema vai encontrando a sua própria linguagem, ele vai encontrando, então, outras formas de criar e representar. Neste sentido, cria-se uma dinâmica muito específica, quer dizer, temos que analisar que momento, que tecnologia, e ver como aquelas imagens que estão sendo geradas são apropriadas, ou não, pelo grupo social – o que faz com que você sempre tenha que fazer recortes históricos específicos e definir contextos específicos, nos quais você quer pensar esta relação do conjunto tecnológico e o conjunto imagético.

No caso da questão que traz para a contemporaneidade, a hegemonia da imagem contra a escrita, eu diria que, sob muitos aspectos, a gente tem uma entrada forte da imagem, onde outrora habitava plenamente a palavra, especialmente a palavra escrita. Por exemplo, o contexto da educação é um contexto bom para visualizarmos isto, tornar isto tangível. O modelo tradicional de educação implicava uma transmissão que era basicamente oral e escrita. O modelo de aula tradicional: o professor chegava, falava, repetia aos estudantes textos, eles liam, voltavam e tinham uma avaliação, que era na forma de escrita. Hoje, em sala de aula, é pedido o tempo inteiro que o professor agregue novos materiais para a transmissão, por exemplo, o vídeo – veja aí, a imagem entrando no lugar do que outrora era a escrita. Eu acho que esta experiência é tão radical, ela é tão forte que, hoje, os alunos, e os próprios professores, já

esperam que boa parte da sua transmissão seja traduzida para o material audiovisual, porque é como se eles tivessem a percepção clara de que, com este material, o aprendizado é mais eficiente.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos. Como fazer coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

VP: Da mesma forma de sempre. Quer dizer, qualquer emergência de uma nova tecnologia gerava afetações nas práticas sociais, nos processos de produção das subjetividades. Enfim, aquilo que se constitui como uma novidade, depois, num determinado momento, é incorporado. Aquilo é, de certa maneira, como vocês usaram a expressão, “acomodação”. Não vejo problema nisso, não acho que seja nada pejorativo, é uma acomodação mesmo. Uma acomodação no sentido piagetiano, uma coisa que te desequilibra, depois acomoda. Acho que isto é um processo natural. Natural porque não é nada natural, uma coisa absolutamente artificial. À medida que você passa a dominar aquela linguagem, aquilo passa a ser você, e você passa a se expressar.

Por exemplo, você fez a seguinte ação no início da nossa entrevista: na hora em que você estava mexendo no celular, no touchscreen, você fez um gesto e imediatamente comentou: “Ainda não domino estas linguagens táteis”. Você ainda não se acomodou, seria exatamente isto. Por outro lado, eu estava conversando estes dias com uma amiga que tem uma filha de dois anos de idade, e ela disse que a sua filha já chega à televisão e começa a passar a mão na tela, como se estivesse com um iPhone, ou seja, querendo

virar o canal simplesmente passando a mão pela tela. Veja como ela já tem, com dois anos de idade, esta linguagem acomodada. Então, acho que esse é um processo, com todas as aspás, absolutamente natural, pelo qual as sociedades passam, à medida que nós precisamos sempre nos adaptar, porque nada em nós é natural, tudo é artifício. Portanto, tudo requer um tempo de adaptação. Às vezes ele é muito rápido, às vezes é mais demorado. Se a gente pensa, por exemplo, na escrita ou na leitura, vemos que são coisas das mais artificiais, difíceis para a gente se adaptar, tanto que levamos anos, primeiro para treinar os olhos, para ir da esquerda para a direita, de cima para baixo. Quando você pega uma criança lendo, ou um adulto sendo alfabetizado, qual é a tendência deles? É passar o dedo da esquerda para a direita, ou então colocar uma régua, e aí a professora vem e tira, porque senão ele não vai calibrar este complexo muscular fisiológico ocular, para fazer leitura.

E mais, tem outro tipo de produção necessária, que é de um silêncio interior. Você tem que silenciar o teu pensamento para deixar a voz deste autor habitar dentro de você, para que você possa efetivamente ler. Senão você não faz leitura nenhuma, senão você vai, volta à primeira página de novo, porque você não está conseguindo ler. O que traduz bem este tipo de experiência é quando você está com um grande problema na sua vida e fala: “Não estou com cabeça para ler”. É exatamente porque você não está com cabeça para fazer silêncio interior. Isto é um processo difícilíssimo, calibrar muscularmente, materialmente, fisicamente, seus olhos, e calibrar a tua cognição, o teu espírito para a leitura. No entanto, depois que você passa pelo processo de alfabetização, você faz isso como se fosse algo natural, acomodado.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

VP: Estas tecnologias fazem parte das nossas dinâmicas sociais. Você poderia dizer que talvez as mídias não fossem pensadas como propriamente produtoras e reprodutoras de relações sociais, porque a gente estava muito viciado num modelo de mídia massiva, unidirecional, onde a gente não se apropriava para dar o nosso recado, vamos dizer assim. Quem podia usar a televisão para mandar um recado para o vizinho, ou para um amigo, ou para um colega de trabalho? Ninguém. Embora elas fossem sociais, você não se apropriava disso. E hoje, com as chamadas redes sociais digitais, você passa a ser um pólo emissor, e não apenas receptor, de mensagens. O que a gente tem que pensar é o seguinte: como as tecnologias participam? Elas participam à medida que viraram meios acessíveis, através dos quais nós produzimos mensagens em múltiplas direções, para múltiplas e diferenciadas pessoas, e recebemos em troca. Ou seja, efetivamente entramos num processo de conversação. Elas, é claro, começam a modular a nossa sociabilidade. Por exemplo, eu posso aumentar a minha reputação social, como uma pessoa bacana, através das redes sociais. Eu afirmo mais a minha identidade, eu me expresso de uma maneira que talvez eu não consiga fazer em público, sendo uma pessoa tímida. Ou posso usar aquela rede social para conhecer mais pessoas, e, a partir daí, quem sabe, ampliar a minha rede de relacionamentos físicos, como se fosse uma relação na qual você possa efetivamente conhecer pessoas, ir para festas, etc. Quer dizer, se você cria estas tecnologias para a produção de mensagens que funcionam na comunicação, elas vão afetar, claro, a dinâmica social.

Acho que as redes, hoje, funcionam para isto. Eu não conheço ninguém que viva somente na rede social digital. Todo mundo que eu conheço usa a redesocialdigital para potencializar suas relações. Ou você quer ser notado como um profissional, ou uma pessoa legal, ou com ideais políticos interessantes. Enfim, você está usando aquela rede para afirmar certos aspectos identitários, e para criar outros que talvez você não consiga na experiência cotidiana, por diversos motivos (de inibição até por não ter roupa para usar naquela festa). E você também pode usar a rede como uma espécie de filtro. Ninguém que tem cinco mil amigos no Facebook, efetivamente, se relaciona com estes amigos. Portanto, você falar na rede social dele, não é efetivamente social, porque ele não está se relacionado. Mas ele usa aquilo ali para outro fim. Ele usa, talvez, para propagandear os seus produtos, ele usa para detectar demandas. Então, de novo, é pensar como as tecnologias estão fazendo parte dos nossos processos de comunicação. A partir daí você consegue avaliar melhor como elas estão fazendo parte dos processos de sociabilidade, de produção de novas dinâmicas sociais.

SI: Isto não representa o fato de que não sejamos de uma personalidade única, de uma única identidade? Essa possibilidade de ser uma coisa num momento, outra coisa noutro, que antes era vista de maneira mais rígida, numa sociedade um pouco anterior. Estas novas tecnologias, de repente, estão possibilitando isso?

VP: Na verdade, eu acho isso um certo equívoco. Se você pegar, por exemplo, o trabalho do Erving Goffman, ele dizia exatamente isto que você está dizendo, que as pessoas já são muitas, sem serem necessariamente esquizofrênicas. Então, por exemplo, a maneira como você se comporta no botequim, não é a mesma maneira como

você se comporta na igreja, que não é a mesma maneira como você se comporta na praia, e não é a mesma maneira como você se comporta no ambiente acadêmico ou profissional. Ele fala que você revela diferentes personas, nestes diferentes espaços, em função do contexto. Então você faz emergir estas diferentes personas, em diferentes contextos, em função de diferentes demandas.

Eu acho exatamente o contrário, ou seja, na rede você consegue ser muito mais uno, porque quando eu entro com meu perfil do Twitter, mesmo que eu fale para um, para outro, eu tenho um grupo contínuo e permanente que está me ouvindo, que pode aumentar um pouco ou diminuir um pouco. É claro que a gente não tem em mente quem são as quinhentas, mil, ou mil e quinhentas pessoas que estão nos seguindo, ou que são nossas amigas. Quando eu entrar e te ver falando no Twitter, você vai ver que tem muito mais homogeneidade no seu discurso do que na sua vida fora desse ambiente. Então eu acho que é exatamente o oposto, cada vez mais eu vejo a rede como duas experiências: filtro e afirmação de uma identidade, que é exatamente uma identidade, vamos dizer, mais coringa, que não precisa ser modulada para os diferentes públicos. Todos nós temos seguidores que vêm parte do nosso ambiente de trabalho, parte da nossa relação social mais íntima, parte das nossas relações do botequim. Todos nós temos este tipo diferenciado de seguidor, por exemplo, no Twitter. Eu não vejo as pessoas modulando as linguagens em função destes públicos diversos.

SI: A evolução tecnológica propiciou que tenhamos, hoje, meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores). Seriam, estes meios, ainda mais “extensões do homem”

do que o eram os meios de massa? Na sua visão, em que medida são eles “extensões do homem”?

VP: Eu acho que não faz sentido pensar que, por possuírem diferentes formas de representação, ou seja, imagem, imagem em movimento, som, texto, etc., as novas tecnologias sejam extensões ainda maiores do que as demais tecnologias. A ideia de extensão é uma e ponto: potencializar corpo e mente. Eu tenho pensado, recentemente, na ideia de extensão como simplesmente uma tentativa de concretizar, afirmar, ou realizar desejos. O que são as tecnologias? Aliás, o que é qualquer artefato humano, senão uma tentativa de realização de um desejo? Por exemplo, eu adoraria voar, mas eu não posso me jogar pela janela. Isso é um desejo que eu tenho. Então eu invento uma tecnologia como o avião ou como a asa-delta, e passo a voar. Em que medida isso vai ser a minha extensão? Vai ser a minha extensão na medida em que eu gostaria de ter um deslocamento mais ágil, mais veloz, com menos adversidades, do que aquele que eu faço quando estou andando. Voando eu tenho um deslocamento mais eficiente. Em que medida, então, o carro é menos extensão que o avião? Não faz sentido.

As tecnologias efetivamente amplificam as nossas potências. Em última instância, como eu disse, elas traduzem os desejos que nós temos, mas em diferentes perspectivas, considerando os diferentes desejos que nós temos. É claro que você pode dizer: “Ah, mas eu adoraria atravessar uma parede”. Nós não temos ainda tecnologia para isso. Quer dizer então que quando inventarem uma parede que possa ser atravessada, ela vai ser mais extensão tecnológica do que era, por exemplo, a porta? Não consigo ver assim. Eu não consigo ver que o incremento de uma tecnologia o torne mais extensão. Extensão já é este movimento, de

transbordar para o mundo aquilo que eu estou desejando, e que por uma limitação da minha compreensão física ou mental, eu não consigo ainda realizar. É claro que as tecnologias mais incrementadas e aperfeiçoadas geram uma série de novos desejos. Isso sim. Você pode afetar a sua dinâmica de desejo, e conseqüentemente aquilo que você quer estender. Em relação a esse princípio pontuado por McLuhan, tecnologia como extensão, eu acho que, quando você fez o primeiro uso, deslocado da natureza, de um pedaço de pau, aquilo já te estendeu, é uma tecnologia. Aliás, eu gostaria de fechar com aquela belíssima imagem que Stanley Kubrick apresenta no início do filme “2001”, aquela cena na qual um homem primitivo pega um pedaço de pau, de madeira, de osso, e lança no inimigo, quer dizer, faz uma espécie de projeção de si, e aquele objeto, na viagem, enquanto ele está sendo deslocado, se metamorfoseia numa nave galáctica. Ou seja, qual é a beleza desta metáfora? Um único ato de deslocamento que o homem fez de um objeto dado pela natureza foi o suficiente para desencadear o processo de artificialização, de invenção do próprio humano, e de extensões de si. O graveto, o osso ou a madeira jogada contra o inimigo, não são menos extensões do que a nave espacial.

Nota:

1. Doutoranda do Curso de Comunicação Social - PUCRS.
2. Doutoranda do Curso de Comunicação Social - PUCRS.